

BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA COM CÃES NO AUTISMO INFANTIL

BENEFITS OF DOG ASSISTED THERAPY IN CHILD AUTISM

Autores

Sabrina Holanda Cavalcanti Nascimento¹
 Juceli Andrade Paiva Morero²
 Gabriela Rodrigues Bragagnollo²
 Ramon Azevedo Silva de Castro²
 Marcela das Neves Guimarães³
 Gabriella de Araújo Gama⁴
 Ivanilde Miciele da Silva Santos⁵
 Tâmyssa Simões dos Santos⁴

Resumo

Introdução: Autismo é um transtorno global do desenvolvimento que comumente é diagnosticado na infância e inclui prejuízos na comunicação e nas interações sociais, além de comportamentos de padrão restrito e repetitivo. **Objetivo:** Analisar os benefícios da terapia assistida com cães para crianças diagnosticadas com autismo. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado com 10 pais ou responsáveis legais de crianças diagnosticadas com autismo e submetidas a terapia assistida com cães. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um formulário de entrevista semiestruturada, e após os dados foram tratados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Indicaram que a cinoterapia possibilitou melhora significativa em aspectos biopsicossociais relacionados à coordenação motora e equilíbrio da criança autista, diminuição da ansiedade, aumento do relacionamento afetivo em casa, maior interação social e comunicação. **Conclusão:** A percepção dos benefícios obtidos através da terapia assistida com cães, possibilita a ampliação desta prática como estratégia terapêutica para a criança diagnosticada com autismo, compreendendo-a na sua multiplicidade de ser e aliando o conhecimento científico às ações humanas de cuidado.

Palavras Chaves: Terapia Assistida por Animais. Transtorno do Espectro Autista. Criança. Autismo Infantil.

Filiação

1 Pós-graduanda pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT. Maceió-AL, Brasil
 2 Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Ribeirão Preto-SP, Brasil
 3 Enfermeira e Historiadora. Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió- AL, Brasil
 4 Docente da Faculdade de Tecnologia de Alagoas - FAT, Curso de Enfermagem. Maceió- AL, Brasil.
 5 Docente do Centro Universitário Cesmac, Curso de Farmácia. Maceió- AL, Brasil

Autor Correspondente

Tâmyssa Simões dos Santos
 Centro Universitário Mauricio De Nassau.,
 Rua José de Alencar, Farol, 57051565 -
 Maceió, AL - Brasil, Telefone: (82)
 30362299
 simoestamyssa@gmail.com

Abstract

Introduction: Autism is a global developmental disorder that is commonly diagnosed in childhood and includes impaired communication and social interactions, as well as restricted and repetitive pattern behaviors. **Objective:** To analyze the benefits of assisted dog therapy for children diagnosed with autism. **Method:** This is a qualitative study with a descriptive approach, conducted with 10 parents or legal guardians of children diagnosed with autism and undergoing assisted dog therapy. A semi-structured interview form was used as a tool for information apprehension and it was analyzed according to Bardin's content analysis. **Results:** Indicated that kinotherapy enabled improvement in motor coordination and balance of autistic children, as well as decreased anxiety, increased affective relationship at home, greater social interaction and communication. **Conclusion:** The perception of the benefits obtained through assisted therapy with dogs, allows the expansion of this practice as a therapeutic strategy for children diagnosed with autism, understanding it in its multiplicity of being and combining scientific knowledge with human care actions.

KEY WORDS: Animal Assisted Therapy. Autism Spectrum Disorder. Child. Autistic Disorder.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conhecido também como autismo é caracterizado pelo comprometimento simultâneo da comunicação e habilidades sociais que se manifestam em vários contextos, e a presença de comportamentos restritos e repetitivos, muitas vezes associados a alterações sensoriais importantes, antes dos três anos de idade (GESCHWIND; LEVITT, 2007; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Estima-se que o TEA afeta cerca de 1% da população mundial e seja quatro vezes mais prevalente entre meninos do que entre meninas, manifestando-se de forma única em cada indivíduo (CHRISTENSEN et al., 2016; FILIPE, 2012). Sua etiologia permanece desconhecida, e acredita-se que seja uma interação ligada a fatores ambientais, genéticos, imunológicos e neurológicos (CANUT et al., 2014).

Entre os indivíduos com TEA, há uma variação frequente de sintomas, envolvendo desde deficiência intelectual e baixo desempenho em habilidades comportamentais adaptativas, até presença de quociente de inteligência (QI) normal podendo viver uma vida autônoma (GRIESI-OLIVEIRA et al., 2017). Além destes sintomas, os indivíduos com TEA podem apresentar comorbidades, como: hiperatividade, distúrbios de sono, alterações gastrointestinais, epilepsia, doenças autoimunes; diabetes, deficiência visual e auditiva (KOHANE et al., 2012).

O diagnóstico do TEA é realizado basicamente por meio de critérios clínicos estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de doenças mentais (DSM-V), em associação com outros instrumentos investigativos, para que seja possível determinar diferentes abordagens terapêuticas (PEREIRA; RIESGO; WAGNER, 2008; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Atualmente, o número de abordagens terapêuticas para o tratamento do TEA está em abrangência, tendo como objetivo reduzir o impacto dos sintomas do transtorno no organismo das crianças, levando a melhoria no desempenho cognitivo, habilidades de linguagem e comportamento adaptativo (REICHOW, 2012; WARREN et al., 2011).

Dentre as abordagens terapêuticas para TEA, destaca-se a utilização da Intervenção Assistida por Animais (IAA) ou Terapias Assistidas por Animais (TAA) nos processos terapêuticos, definida como ferramenta de apoio à psicologia clínica onde os animais fazem parte do tratamento, com intenção clara, podendo ser realizada de diversas formas sendo individual ou em grupo, com objetivo de gerar saúde em todas as dimensões (CIRULLI ET AL., 2011; MARINHO; ZAMO, 2017; NOGUEIRA; NOBRE, 2015).

Pode-se destacar a inserção de cães nas TAA, conhecida como cinoterapia. A cinoterapia tem sido considerada como uma prática promissora, complementar para as terapias mais tradicionais de crianças com TEA, pois desenvolve questões sociais, educacionais e terapêuticas que são proporcionadas no contato e socialização do praticante com o cão, com foco na estimulação de habilidades e capacidades pessoais, sempre com mediação de profissionais da saúde e educação (BERRY et al., 2013; PEREIRA, 2017).

Diante do exposto, este estudo visou analisar os benefícios da terapia assistida com cães para crianças diagnosticadas com autismo, bem como a percepção dos pais sobre essa nova alternativa de tratamento, contribuindo para uma maior reflexão acerca das ações de cuidado a criança com autismo e ampliação da implementação desta prática como estratégia terapêutica que possibilita uma aliança entre o conhecimento científico e as ações humanas de cuidado.

MÉTODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, inserido no âmbito do Projeto Focinhos Terapêuticas, projeto interdisciplinar de Terapia Assistida com Cães, com enfoque biopsicológico, que atende cerca de 25 crianças ao mês, em parceria com um Centro Universitário Cesmac, em Maceió/Alagoas.

A terapia aborda a coordenação motora, o afeto, o desenvolvimento da linguagem, facilita e estimula a atenção das crianças durante as sessões de exercícios físicos, atividades de concentração e de equilíbrio. As crianças escolhidas para o estudo teriam que conter no mínimo 4 sessões de terapia, ou seja, um mês participando. Os cães utilizados são de médio e grande porte, dentre eles a raça Golden Retriever. Os donos aceitam voluntariar seus cães, após isso os animais são analisados de acordo com seu comportamento (calmo ou ativo), acompanhados por um veterinário durante o treinamento de adaptação para as atividades realizadas. Cerca de 40 pessoas estão envolvidas nesse projeto entre alunos, professores e tutores.

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi por conveniência, até a saturação das informações durante o período de estudo, sendo composta por 25 pais ou responsáveis legais de crianças com TEA inseridas no projeto.

Como critérios de inclusão, considerou-se os pais ou responsáveis legais das crianças com TEA cadastradas no projeto, com idade igual ou superior a 18 anos, e que aceitassem participar da pesquisa por meio da assinatura do TCLE, sendo excluídos da amostra aqueles que possuam o número de sessões de cinoterapia realizada com seus filhos inferior a quatro. Desta forma, foram excluídos 15 participantes, e obteve um total da amostra de 10 pais ou responsáveis.

Para o recrutamento, os pais foram convidados para uma reunião em grupo enquanto os filhos participavam da terapia, na qual tiveram a oportunidade de interagir com outros pais e trocar experiências sobre a convivência, desafios, curiosidades, entre diversos temas, voltados ao manejo do TEA. A discussão foi mediada por um psicólogo, que deu suporte necessário para o grupo durante a discussão.

Coleta de dados

As informações foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas, que seguiram um formulário composto por sete questões que contemplava os seguintes aspectos: benefícios físicos, sociais e psicológicos; comportamento antes e após a terapia; interação com outras crianças; e comunicação em casa.

Durante as entrevistas utilizou-se o gravador de voz como instrumento de apreensão das informações, o que possibilitou a transcrição na íntegra e a melhor análise das mesmas. Para tal, optou-se como método a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), na sua modalidade temática, o que possibilitou a categorização de acordo com os seguintes temas centrais: coordenação motora e equilíbrio; ansiedade e relacionamento afetivo em casa; interação social e comunicação.

Como forma de não identificação dos colaboradores desta pesquisa, foi utilizado um código para cada sujeito, formado pela letra "A" e em seguida pelo número referente à ordem de realização de cada entrevista: "A1, A2, A3... A10".

Aspectos éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC, sob o parecer nº 2.671.630, e respeitou os princípios éticos propostos na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido

garantido às participantes o cumprimento dos preceitos da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

RESULTADOS

As crianças diagnosticadas com TEA, cujos pais ou responsáveis legais foram entrevistados, apresentavam idade entre 3 a 10 anos e obtiveram diagnóstico de TEA entre 2 e 5 anos de idade. O tempo de tratamento das mesmas com cinoterapia variou de um mês a quatro anos.

Após a análise final, com elaboração dos temas centrais, foram estabelecidas categorias analíticas a partir dos depoimentos dos sujeitos, a saber: 1) Percepções dos pais/responsáveis acerca dos benefícios físicos da terapia assistida com cães; e 2) Percepções dos pais/responsáveis acerca dos benefícios psicossociais da terapia assistida com cães.

Categoria 1: Percepções dos pais/responsáveis acerca dos benefícios físicos da terapia assistida com cães

Coordenação motora e equilíbrio

Quanto aos benefícios físicos, os pais relataram melhora na coordenação motora e equilíbrio. Em relação essa melhora, todos os entrevistados descreveram exemplos do progresso e avanço após inserção na terapia.

“Antes ele era uma criança que caía muito, tropeçava muito, esse ano tem três anos que ele faz a terapia. Hoje, a terapia possibilitou ele ter uma percepção de perigo, pois no início ele quando saía na rua corria, independente do que estava em sua volta (carro, moto, bicicleta) tinha a reação de correr. Após o tratamento com os cães ele começou a parar, observar e andar conforme o passo do cão” (A1).

“Melhorou o equilíbrio corporal e a agilidade consideravelmente” (A4).

“Antes dele vir para cá, quando abria a porta de casa, corria para a rua sem olhar se vinha carro, não tinha limites. Eu ficava preocupada pensando que ele iria crescer dessa forma. Após a terapia, ele começou a respeitar e andar de acordo com a velocidade que o cachorro anda, quando ele segura a guia para passear aqui e isso estimulou bastante, passou a ter autocontrole nos movimentos de andar e correr. Hoje ele já anda solto sem ter perigo de sair correndo. Começou a respeitar regras (A2).

Categoria 2: Percepções dos pais/responsáveis acerca dos benefícios psicossociais da terapia assistida com cães

Ansiedade e relacionamento afetivo em casa

Em relação a ansiedade, a maioria dos entrevistados argumentaram uma redução desse sintoma. Além da facilidade para manter um contato físico, através de carinho e abraço.

“Melhorou a ansiedade dele, pois era muito inquieto. Mudou a vida dele e a minha” (A2).

“Ele começou a me tocar com mais frequência, abraçar e beijar sem eu precisar pedir” (A1). “Quando ele está em casa me abraça, beija e quando o pai chega, ele sai correndo pra abraçar, coisa que antes não fazia” (A4).

“Quando íamos abraçar ele recuava e não gostava de muito contato físico, hoje em dia ele não recua mais e está mais aberto ao toque” (A10).

Interação social e comunicação

Quanto a interação social e a comunicação, também se observou um grande avanço nesses aspectos. Como mostra alguns relatos expostos pelos entrevistados.

“Na época em que ele foi inserido no projeto focinhos, a professora da escola, em poucos meses notou diferença com o comportamento e a comunicação dele com outros colegas de classe, passou a ser mais participativo nas aulas, pois ele costumava ficar sentado atrás e hoje ele fica próximo aos demais colegas, interagindo e mais ativo” (A2).

“Hoje ele fala o que quer comer e quando quer ir ao banheiro” (A3).

“Hoje ele tem afinidade com todas as crianças, ele não está mais agressivo com era antes” (A5).

“Faz apenas um mês que estou trazendo meu filho, mas vejo que a fala dele está desenvolvendo, pois antes ele não me chamava e hoje está me chamando de mamãe (A8).

A6 e A7 revelaram que seus filhos ainda estavam em fase de adaptação em relação a interação com outras pessoas que não são do seu convívio, principalmente com outras crianças.

DISCUSSÃO

Neste estudo, observou-se que a cinoterapia beneficia crianças com TEA, segundo a percepção de seus pais e responsáveis, implicando em uma melhora significativa de aspectos físicos e psicossociais, tais como: aumento de coordenação motora e equilíbrio, diminuição da ansiedade, fortalecimento do relacionamento afetivo; e melhora na interação social e comunicação.

Um estudo realizado na cidade de Pelotas (RS), que teve como objetivo realizar a inclusão de alunos com TEA nas atividades realizadas de uma escola municipal regular, demonstrou que as terapias assistidas por animais são eficazes para crianças com TEA, desde que utilizadas de maneiras individualizadas, focando na necessidade de cada paciente, sendo

capaz de estimulá-los e capacitá-los de maneira significativa e ampla (NOGUEIRA et al, 2017).

A coordenação motora e equilíbrio de crianças diagnosticadas com o TEA são mais limitados, como é observado em estudos na área. As crianças possuem dificuldades na corrida e no equilíbrio, tendo uma corrida desajustada (LIMA, 2012). Possuem também, limitações para manter a estabilidade corporal, na marcha, flexibilidade das articulações e de velocidade do movimento (LANG et al., 2010). Em um estudo realizado em Pelotas (RS), foi possível observar que a utilização da cinoterapia para tratamento de TEA em crianças, possibilitou uma melhora na coordenação motora dos participantes, indo em consonância com os depoimentos dos entrevistados deste estudo, reforçando positivamente o que foi exposto (NOGUEIRA et al, 2017).

Alguns estudos demonstram a importância das TAA para um tratamento complementar de crianças com TEA, tendo grande relevância em seus resultados, trazendo engajamento de familiares, uma relação de confiança entre o paciente e o animal e consequentemente, melhores resultados do paciente em sua terapia (FERREIRA, 2012; LIMA; SOUZA, 2018).

Em um estudo qualitativo, realizado com seis participantes, observa-se nos resultados, a importância dos animais de estimação para o seu dono, tendo uma forte ligação emocional, sendo fortemente relacionados à felicidade (GIUMELLI; SANTOS, 2016).

Foi observado neste estudo, uma redução dos sintomas de ansiedade e a melhora do relacionamento afetivo. Tais resultados corroboram com o discurso de Dotti (2014), onde explana os benefícios emocionais da terapia com animais, citando como exemplos: a redução da ansiedade, a naturalidade das sensações de carinho, troca de afeto, amor incondicional. Na mesma perspectiva, um estudo recente realizado em 2016, apontou que tais benefícios emocionais se devem ao aumento dos níveis de hormônios relacionado ao prazer (ocitocina) e ao bem-estar em pessoas, após o contato de trinta minutos com um cão. O estudo mostrou também a diminuição dos níveis de hormônios relacionados ao estresse (SAVALLI; ADES, 2016).

Em outro estudo realizado na cidade de Pelotas (RS), com 24 crianças portadoras de TEA, observou-se que a utilização de cães no processo terapêutico, permitiu uma interação imediata entre paciente-animal, percebendo-se uma empatia imediata na grande maioria dos participantes. O estudo evidenciou que tal aproximação funciona como um intermediário para estreitar a relação com o terapeuta, permitindo uma diminuição da ansiedade da criança de forma mais eficaz, construindo, além disso, uma relação mais rápida entre criança-terapeuta. Além disso, este estudo conclui que o uso da cinoterapia estimula uma maior interação social e desenvolvimento de vínculos, corroborando com os achados desta pesquisa (DUARTE et al., 2017).

Dentre os participantes com melhoras na interação social e comunicação, apenas duas crianças ainda estavam em fase de adaptação no que tange a interação com outras pessoas fora de seu ciclo familiar. Diante disso, é possível comprovar as reais conquistas da cinoterapia. Corroborando com tais resultados deste trabalho, alguns estudos afirmam que o uso de cães facilita a comunicação entre o profissional da saúde e o paciente, já que ao entrar em contato com o animal, o paciente se torna mais comunicativo, descontraído, sociável e estimulado (STUMM et al., 2012).

A utilização da cinoterapia mostra-se relevante para crianças portadoras de autismo e síndrome de Down, destacando-se principalmente que os cães não se importam com as limitações físicas e ou mentais desses indivíduos, gerando autonomia, diversão, segurança e tranquilidade para os que realizam a cinoterapia. Este estudo traz a importância de novos estudos através da cinoterapia e aponta a importância desta terapia para a

melhora do quadro do paciente, apesar de não necessariamente, gerar a cura total do paciente (SILVA et al., 2015).

Ao se considerar a idade em que as crianças receberam o diagnóstico de TEA, observou-se que foi feito tardiamente, variando entre 2 a 5 anos. Nos achados de pesquisadores da área, também vem apontando para este diagnóstico tardio, sendo realizado em crianças na faixa etária de dois a nove anos, corroborando com os achados deste estudo (DANIELS; MANDELL, 2014).

Em suma, é evidenciado nas literaturas nacionais e internacionais que a utilização de TAA, tem efeito positivo, significativo e modificador de condutas, quando utilizada de maneira complementar às terapias realizadas pelos profissionais de saúde para o tratamento do TEA (RUBIO et al., 2017; GONÇALVES; GOMES, 2018).

Diante disso, tornam-se nítidos os desafios para a realização de um diagnóstico precoce. Possivelmente, seja reflexo da carência de conhecimento de profissionais e família para observar mudanças sugestivas nas crianças.

CONCLUSÃO

Este estudo apontou, através da percepção dos pais e responsáveis, uma melhora significativa em aspectos biopsicossociais de crianças com TEA por meio da utilização da cinoterapia. Tais benefícios puderam ser constatados através da observação do desenvolvimento da habilidade psicomotora das crianças, evolução na linguagem verbal, aumento da afetividade em casa, diminuição da agressividade e da ansiedade, perda do medo dos animais e melhoria no convívio com outras pessoas.

Dessa forma, detecta-se que a participação de cães no cuidado a crianças com autismo é uma abordagem terapêutica promissora, visto que os participantes do estudo identificaram a terapia assistida por cães como ferramenta que fortalece o progresso da criança que apresenta tal transtorno com implicações severas na comunicação e nas interações sociais.

Espera-se que este estudo contribua para a compreensão de que a terapia assistida por cães oferece diversos benefícios no cuidado a criança com autismo, contudo, tendo em vista a pouca compreensão dos profissionais de saúde acerca da implementação e dos objetivos da cinoterapia, ressalta-se a necessidade de estudos nessa área, com vistas a possibilitar a ampliação desta prática como estratégia terapêutica para a criança diagnosticada com autismo, compreendendo-a na sua multiplicidade de ser e aliando o conhecimento científico às ações humanas de cuidado.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.tdahmente.com/wp-content/uploads/2018/08/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERRY, A. et al. Use of Assistance and Therapy Dogs for Children with Autism Spectrum Disorders: A Critical Review of the Current Evidence. *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 73–80, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1089/acm.2011.0835>.

CANUT, A.C.A. et al. Diagnóstico Precoce do Autismo: Relato de Caso. RMSBr, Brasília, v. 3, n. 1, p. 31-37, 2014. Disponível em:

<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/4254/3132>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

CHRISTENSEN, D.L. et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2012. MMWR - Surveillance Summaries, [S.l.], v. 65, n. 3, p. 1–23, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss6503a1>.

CIRULLI, F. et al. Animal-assisted interventions as innovative tools for mental health. Ann. Ist. Super. Sanita, [S.l.], v. 47, n. 4, p. 341–348, 2011. DOI: https://doi.org/10.4415/ANN_11_04_04.

DANIELS, A.M.; MANDELL, D.S. Explaining differences in age at autism spectrum disorder diagnosis: a critical review. Autism, [S.l.], v. 18, n. 5, p. 583–597, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/1362361313480277>.

DOTTI, J. Terapia e Animais. São Paulo: Livrus, 2014.

DUARTE, M.T.N. et al. O cão como aspecto motivador de crianças com transtorno do espectro autismo. Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, v. extr., n. 1, p. 280-283, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.01.2794>.

FERREIRA, J.M. A Cinoterapia na APAE/SG: um estudo orientado pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. RCD, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 98-108, out. 2012. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/626>. Acesso em: 24 jul. 2019.

FILIPE, C.N. Autismo: conceitos, mitos e preconceitos. Lisboa: Editora Babel, 2012.

GESCHWIND, D. H.; LEVITT, P. Autism spectrum disorders: developmental disconnection syndromes. Curr. Opin. Neurobiol., [S.l.], v. 17, n. 1, p. 103–111, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.conb.2007.01.009>.

GIUMELLI, R. D.; SANTOS, M. C. P. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. Rev. Abordagem Gestalt., Goiânia, v. 22, n. 1, p. 49-58, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100007>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GONÇALVES, J.O.; GOMES, F.G.C. Animais que curam: a terapia assistida por animais. Rev. UNINGÁ, Maringá, v. 29, n. 1, p. 204-210, 2018. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1907/1504>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

GRIESI-OLIVEIRA, K. et al. (2017). Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 15, n. 2, p. 233–238, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1679-45082017rb4020>.

KOHANE, I.S. et al. The Co-Morbidity Burden of Children and Young Adults with Autism Spectrum Disorders. PLoS ONE,

[S.l.], v. 7, n. 4, e33224, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0033224>.

LANG, R. et al. Physical exercise and individuals with autism spectrum disorders: a systematic review. Research in Autism Spectrum Disorders, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 565–576, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2010.01.006>.

LIMA, A.S.; SOUZA, M.B. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. Rev. Saúde e Desenvolvimento, [S.l.], v. 12, n. 10, p. 224-241, 2018. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

LIMA, C.B. Perturbações do Espectro do Autismo: manual prático de intervenções. Lisboa: Lidel-Zamboni, 2012.

MARINHO, J.R.S.; ZAMO, R.S. Terapia assistida por animais e transtornos do neurodesenvolvimento Animal. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1-21, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v17n3/n17a15.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

NOGUEIRA, M.T.D. et al. Intervenções Assistidas por Animais: uma nova perspectiva na educação. REDVET Rev. Electrón. Vet., Málaga-Espanha, v. 18, n. 2, p. 1-8, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/636/63651262005.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

NOGUEIRA, M.T.D.; NOBRE, M.O. Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia Terapia assistida por animais e seus benefícios. PubVet, Maringá, v. 9, n. 9, p. 414–417, 2015. Disponível em: <<http://www.pubvet.com.br/uploads/9e2b280cc36c3ba3dddaba8b3e4f859be.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

PEREIRA, A.; RIESGO, R.S.; WAGNER, M.B. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. J. Pediatr., Rio de Janeiro, v. 84, n. 6, p. 487–494, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572008000700004>.

PEREIRA, G.S.F. cinoterapia e terapia assistida por cães: sinônimos de inclusão social. 2017. 85f. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) - Universidade de Cruz Alta-RS, 2017. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2017/06/GABRIELA-SEVERO-FAGUNDES.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

REICHOW, B. Overview of Meta-Analyses on Early Intensive Behavioral Intervention for Young Children with Autism Spectrum Disorders. J. Autism. Dev. Disord., [S.l.], v. 42, n. 4, p. 512–520, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-011-1218-9>.

RUBIO, R.D. et al. Terapia asistida por animales= Animal-supported therapy. RECS, Madrid, v. 8, n. 2, p. 254-271, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20318/recs.2017.4006>.

SAVALLI, C.; ADES, C. Benefícios que o convívio com um animal de estimação pode promover para a saúde e o bem-estar do ser humano. In: CHELINI, M.O.M.; OTTA, E. (Org.). Terapia Assistida por Animais. Barueri, SP: Manole, 2016.

SILVA, C.N. et al. Cinoterapia: uma alternativa de Terapia para Pessoas com Necessidades Especiais. In: SEMINÁRIO

INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, XX, 2015, Cruz Alta. Anais... Cruz Alta, RS: UNICRUZ, 2015. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2015/XX%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202015%20-%20ANAI%20Extensao/RESUMOS/CINOTERAPIA_UMA%20ALTERNATIVA%20DE%20TERAPIA%20PARA%20PESSOAS%20COM%20NECESSIDADES%20ESPECIAIS.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

STUMM, K.E. et al. Terapia assistida por animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas. Rev. Enferm. UFSM, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 205–212, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/217976922616>

WARREN, Z. et al. A Systematic Review of Early Intensive Intervention for Autism Spectrum Disorders. Pediatrics., [S.l.], v. 127, n. 5, p. 1303–1311, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2011-0426>